

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMES

Não é paranoia se está realmente acontecendo.

a
mulher
na
janela

A. J. Finn

The image features a background of alternating horizontal black and white stripes. In the center, there is a graphic of a window frame, consisting of several black lines that form a trapezoidal shape with a pointed top and bottom. The text "a mulher na janela" is overlaid on this graphic in a light gray, serif font. The words "a mulher" are on the top line, and "na janela" is on the bottom line, with the window frame lines passing behind the text.

a mulher
na janela



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

a
mulher
na
janela

A. J. Finn



Título original: *The Woman in The Window*
Copyright © 2018 by A. J. Finn
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicação feita mediante acordo com o autor. Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios
existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes
preparo de originais: Magda Tebet
revisão: Mariana Rimoli e Taís Monteiro
diagramação: DTPhoenix Editorial
capa: Elsie Lyons
imagens de capa: Shutterstock
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F922m Finn, A. J.
A mulher na janela/ A. J. Finn; tradução de Marcelo Mendes. São
Paulo: Arqueiro, 2018.
352 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: The woman in the window
ISBN 978-85-8041-832-3

1. Ficção americana. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

18-47163

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

para George

Desconfio de que em algum lugar, dentro de você,
exista algo de que ninguém sabe.

– *A sombra de uma dúvida* (1943)

DOMINGO,
24 de outubro

UM

FALTA POUCO PARA QUE O MARIDO DELA CHEGUE EM CASA. Dessa vez, vai pegá-la no flagra.

Não há cortina nem persiana nas janelas do número 212, a casa de tijolos vermelho-ferrugem que abrigou os recém-casados Motts até pouco tempo atrás, quando eles se separaram. Não cheguei a conhecer os dois pessoalmente, mas às vezes dou uma conferida on-line: no perfil dele no LinkedIn e na página dela no Facebook. A lista de casamento deles ainda está no site da Macy's. Se quisesse, ainda poderia presentear-los com um aparelho de jantar.

Como eu ia dizendo: janelas completamente nuas. De modo que o 212, rubro e despido, parece olhar direto para o lado de cá da rua, e eu fico olhando de volta, observando a nova proprietária conduzir seu engenheiro para o quarto de hóspedes. Qual será o *problema* dessa casa? É nela que o amor se instala para morrer.

A mulher é linda, uma ruiva natural, com olhos verde-claros e milhares de pintinhas nas costas. Muito mais bonita que o marido, o psicoterapeuta John Miller (sim, ele oferece terapias de casal), um dos 436 mil John Miller que existem na internet. Esse em particular tem seu consultório nas imediações do Gramercy Park e não aceita planos de saúde. Segundo a escritura de venda, pagou 3,6 milhões de dólares pela casa nova. O consultório deve andar cheio.

Conheço mais, e ao mesmo tempo menos, a mulher. Que pelo visto não é muito boa dona de casa: tem oito semanas que ela e o marido se mudaram, mas as janelas continuam peladas, *tsc tsc tsc*. Ela faz ioga três vezes por semana, sempre desce as escadas com seu tapetinho enrolado debaixo do braço, embalada a vácuo numa malha da Lululemon. Deve trabalhar como voluntária em algum lugar, pois às segundas e sextas sai de casa um pouco depois das onze, mais ou menos na hora em que acordo, e volta lá pelas cinco, cinco e meia, quando já estou escolhendo o filminho da noite. (O de hoje é *O homem que sabia demais*, pela enésima vez. Sou a mulher que via demais.)

Já notei que, como eu, ela gosta de tomar um drinque durante a tarde. Será que gosta de beber pela manhã também? Como eu?

Mas a idade é um mistério, embora ela seja visivelmente mais nova que o Dr. Miller (e que eu também, além de mais magra). O nome é outro mistério. Penso nela como Rita, porque ela se parece com a Rita Hayworth em *Gilda*. “Não estou nem um pouco interessada.” Adoro quando ela diz isso.

Pois eu estou muito interessada. Não no corpo da mulher – o relevo da espinha dorsal nas costas muito brancas, as escápulas que mais parecem duas asas recolhidas, o sutiã azul-bebê: sempre que qualquer uma dessas coisas aparece diante da minha lente, desvio o olhar –, mas na vida que ela leva. Nas vidas. Duas a mais do que eu.

O marido dobrou a esquina agora há pouco, meio-dia e alguma coisa, logo depois de a mulher fechar a porta de casa com o engenheiro a tiracolo. Trata-se de algo atípico, pois aos domingos o Dr. Miller sempre volta para casa às três e quinze.

Mas agora nosso amigo médico vem caminhando pela calçada, soprando vapor boca a fora, carregando sua pasta na mão direita, o ouro da aliança cintilando na esquerda. Dou um zoom nos sapatos dele: um par de oxfords vinho, limpíssimos, reluzindo ao sol.

Subo a câmera para a cabeça dele. Minha Nikon D5500 não deixa passar nada, não com a lente Opteka que coloquei nela. Cabelos muito secos e rebeldes, óculos frágeis e vagabundos, ilhotas de barba por fazer nas faces chupadas: John Miller cuida mais dos sapatos do que do próprio rosto.

De volta ao número 212, onde Rita e o engenheiro se despem às pressas. Eu até poderia descobrir o telefone dela e avisar. Mas não vou fazer isso. Bisbilhotar é como fotografar a natureza: a gente não interfere no que está vendo.

John Miller está a uns trinta segundos da porta de casa. Rita beija o pescoço do engenheiro, tira a blusa.

Mais quatro passos. Cinco, seis, sete. Ele agora está a uns vinte segundos no máximo.

Ela morde a gravata do engenheiro, depois abre um sorriso e vai tirando a camisa dele. O engenheiro mordisca a orelha dela.

O marido salta por cima de um buraco na calçada. Quinze segundos.

Quase posso ouvir quando ela puxa a gravata do colarinho do engenheiro e começa a chicoteá-la pelo quarto.

Dez segundos. Dou zoom outra vez, o focinho da câmera praticamente atravessando a rua. John Miller tira as chaves do bolso da calça. Sete segundos.

Ela desfaz o rabo de cavalo, deixando o cabelo cair sobre os ombros.

Três segundos. Ele sobe os degraus até a porta.

Ela abraça o engenheiro e lhe dá um longo beijo.

Ele encaixa a chave na fechadura. Gira.

Dou zoom no rosto dela, nos olhos que ela arregalou. Porque ouviu.

Tiro uma foto.

Então a pasta do médico se abre acidentalmente e vários papéis são carregados pelo vento. Volto a câmera para ele, a tempo de ver, com nitidez, o palavrão que sua boca deixa escapar. Ele larga a pasta no chão, pisoteia algumas das folhas caídas, tenta pegar as outras que pairam no ar. Um bonequinho de papelão fica preso nos galhos de uma árvore. Ele não percebe.

De volta a Rita. Ela veste a blusa o mais rápido possível, prende o cabelo outra vez e desce às pressas, deixando o engenheiro ilhado no quarto. Ele salta da cama, recolhe a gravata do chão, guarda no bolso.

Esvazio os pulmões, o ar chiando como se escapasse de um balão. Só então me dou conta de que eu tinha prendido a respiração.

A porta da frente se abre. Rita irrompe na calçada, chama pelo marido. Ele vira para trás; imagino que esteja sorrindo, mas não consigo ver. Ela o ajuda a catar os papéis.

O engenheiro surge à porta, uma das mãos enterrada no bolso, a outra acenando para o médico. John Miller acena de volta, depois retorna à porta, pega a pasta que tinha deixado na soleira e aperta a mão de engenheiro. Os dois homens entram na casa. Rita entra em seguida.

Ok. Fica para a próxima.

SEGUNDA-FEIRA,
25 de outubro

DOIS

O CARRO VEM CHEGANDO À RUA, lento e solene como um rabeção, as lanternas traseiras brilhando no escuro.

– Vizinhos novos – digo à minha filha.

– De que casa?

– Do outro lado do parque. Número 207.

Eles estão lá agora, vultos fantasmagóricos no anoitecer, tirando caixas do bagageiro.

Ela suga fazendo barulho.

– O que você está comendo? – pergunto.

Hoje é noite de comida chinesa.

– Yakisoba.

– Você escolhe: ou come ou conversa com sua mãe. As duas coisas ao mesmo tempo, não dá.

Outra sugada no macarrão.

– Ah, mããã....

Isso é motivo de briga entre nós; contra a minha vontade ela abandonou o “mamãe” em favor desse “mãe” mais curto e mais grosso. “Deixa a menina”, diz Ed, mas só porque ele ainda é “papai”.

– Você devia ir lá, dar um alô para eles – sugere Olivia.

– Eu bem que gostaria, meu amor. – Saio de mansinho rumo ao segundo andar da casa, de onde a vista é melhor. – Ah, as abóboras já estão *por todo*

lado. Todos os vizinhos têm uma. Os Grays têm quatro. – Enquanto subo as escadas, dou um gole no vinho que trouxe comigo. – Você precisa de uma abóbora também. Pede ao seu pai para comprar. – Mais um gole. – Aliás, pede para ele comprar duas: uma para você e outra para mim.

– Ok.

Olho rapidamente o meu reflexo no espelho escuro do lavabo.

– Você está feliz, meu amor?

– Estou.

– Não se sente muito sozinha?

Ela nunca teve amigos de verdade em Nova York; era tímida demais, miudinha demais.

– Não.

Olho para o breu sinistro no alto da escada. Durante o dia a luz do sol entra pela claraboia do terraço; à noite, essa mesma claraboia é um olho arregalado para as profundezas da escada.

– Você não sente saudade do Punch?

– Não.

Ela também não se dava muito bem com o gato. Numa manhã de Natal, ele botou as garras para fora e arranhou o pulso dela, dois raspões rápidos e perpendiculares, formando um ensanguentado jogo da velha na pele branca da menina. Ed só faltou jogar o bicho pela janela. Onde estará Punch agora? Enroscado no sofá da biblioteca, olhando para mim.

– Deixa que eu falo com seu pai, meu anjo.

Subo o lance seguinte da escada, sentindo sob os pés a textura áspera do carpete. Sisal. Onde é que estávamos com a cabeça? Mancha tão facilmente...

– E aí, campeã? – ele me cumprimenta. – Vizinhos novos?

– Sim.

– Mas outro dia mesmo já não apareceram vizinhos novos?

– Isso foi há dois meses. No 212. Os Millers.

Dou meia-volta; vou descendo a escada.

– E os recém-chegados, onde vão morar?

– No 207. Do outro lado do parque.

– O bairro está mudando muito.

– Não trouxeram muita coisa com eles.

– Imagino que o resto venha de caminhão depois.

– É, deve ser.

Silêncio. Bebo mais um gole do vinho.

Agora estou novamente na sala, junto da lareira, minha sombra se alongando pelos cantos.

– Escute... – diz Ed.

– Eles têm um filho.

– O quê?

– Um filho – repito, encostando a testa no vidro frio da janela.

As lâmpadas de sódio ainda não chegaram aqui nos cafundós do Harlem. A rua é iluminada apenas por um gomo de lua; mesmo assim, consigo distinguir os três vultos: um homem, uma mulher e um garoto alto, levando caixas para dentro da casa.

– Um adolescente – acrescento.

– Novo demais para você, sua loba.

Antes que eu me contenha, digo:

– Queria que você estivesse aqui.

Isso me pega de surpresa. A Ed também, pelo visto. Depois de alguns segundos de silêncio, ele diz:

– Você precisa de um pouco mais de tempo.

Permaneço calada.

– Segundo os médicos, muito contato não é saudável.

– A médica que disse isso fui eu.

– Você é apenas uma entre os muitos.

O fogo estala na lareira às minhas costas. As chamas se reacomodam, crepitando nas escoras de ferro.

– Por que você não os convida para uma visita? – pergunta ele.

Esvazio minha taça.

– Acho que por hoje basta.

– Anna.

– Ed.

Quase consigo ouvir a respiração dele.

– Fico muito triste que a gente não esteja aí com você.

Quase consigo ouvir meu próprio coração.

– Eu também.

Punch tinha descido atrás de mim. Pego o gato no colo, vou para a cozinha, deixo o telefone sobre a bancada. Uma última taça antes de dormir.

Com a garrafa em punho, volto para a mesma janela de antes e ergo um brinde aos três fantasmas que assombram a calçada do lado de fora.

TERÇA-FEIRA,
26 de outubro

TRÊS

NO ANO PASSADO, NESSA MESMA ÉPOCA, tínhamos planejado vender a casa, inclusive já havíamos chamado um corretor. Em setembro Olivia seria matriculada numa escola no centro da cidade, e Ed encontrara um apartamento para nós em Lenox Hill, uma espelunca que precisaria ser colocada abaixo e reconstruída do zero.

– Vai ser divertido – prometeu ele. – Vou instalar um bidê só para você.

Achei por bem não responder.

– O que é um bidê? – perguntou Olivia.

Mas depois ele partiu, e ela junto com ele. Portanto, foi como se uma ferida reabrisse quando, ontem à noite, lembrei da descrição da nossa casa posta à venda nos jornais: BELO SOBRADO DO SÉCULO XIX NO HARLEM, TESOURO DA ARQUITETURA AMERICANA, REFORMADO COM AMOR, PERFEITO PARA A VIDA FAMILIAR! “Sobrado no Harlem” – quanto a isso não há dúvida. “Século XIX” – também é verdade (1884). “Tesouro da arquitetura” – questionável, eu acho. “Reformado com amor” – isso eu posso atestar: com amor e com muito dinheiro também. “Perfeito para a vida familiar” – verdade.

Meus domínios e seus destaques:

PORÃO (ou *maisonette*, segundo o nosso corretor): cômodo de subsolo, sem divisórias, com entrada privativa; cozinha, banheiro, quarto, um miniescritório. Espaço de trabalho de Ed por oito anos: a mesa vivia coberta

com suas plantas baixas; as paredes, repletas dos relatórios que ele recebia dos engenheiros e espetava nelas. Atualmente alugado.

JARDIM: pátio (na verdade) acessível pelo primeiro andar. Uma pequena área com piso de lajota; um par de cadeiras Adirondack sem muito uso; um freixo ainda jovem e retorcido num dos cantos, solitário e murcho feito um adolescente sem amigos. De vez em quando tenho vontade de ir até lá e abraçá-lo.

PRIMEIRO PAVIMENTO: *ground floor* para os ingleses, *premier étage* para os franceses. (Não sou nem uma coisa nem outra, mas fiz minha residência em Oxford, quando aliás morava numa *maisonette*, e desde o último mês de julho venho estudando francês pela internet.) Uma adorável cozinha aberta (de novo, palavras do corretor), com uma porta de fundos que dá acesso ao jardim e outra lateral que dá acesso ao parque. Tábuas corridas de madeira clara, agora manchadas pelo Merlot derramado. No hall de entrada há um lavabo: o lavabo vermelho, como costume chamar. “Vermelho-tomate”, segundo o catálogo de Benjamin Moore. Sala de estar com sofá, mesa de centro e um tapete persa ainda em bom estado.

SEGUNDO PAVIMENTO: uma biblioteca (de Ed; prateleiras abarrotadas, livros já bem surrados e encardidos, espremidos uns contra os outros) e um escritório (meu; arejado, sem muitos móveis, apenas uma mesa da IKEA com um computador Mac em cima: o campo de batalha das minhas partidas de xadrez on-line). Um segundo lavabo – este pintado com o azul “Êxtase Celestial”, o que é bem sugestivo para um cômodo com um vaso sanitário dentro. E um armário, grande e fundo, que talvez um dia eu transforme em laboratório, caso resolva passar da fotografia digital para a película. Acho que estou perdendo o interesse.

TERCEIRO PAVIMENTO: quarto de casal e banheiro. Passei boa parte deste último ano na cama; o colchão é um desses modernos, com especificações diferentes para cada um dos lados. Ed optou pela maciez total, quase um travesseiro de plumas de ganso; eu optei pela firmeza.

– Você dorme num tijolo – disse ele certa vez, correndo a mão pelo lençol.

– E você, numa nuvem – devolvi.

Em seguida ele me deu um beijo longo, desapressado.

Depois que eles foram embora, durante aqueles meses de escuridão e torpor em que eu mal conseguia me levantar da cama, adquirir o hábito de rolar de um lado para outro no nosso colchão, lentamente, enrolando e desenrolando as cobertas feito o vaivém da água numa praia.

Nesse pavimento também fica a suíte de hóspedes.

QUARTO PAVIMENTO: No passado, área da criadagem; hoje, mais dois quartos, entre eles o de Olivia. Há noites em que subo para o quarto dela e fico lá, que nem um fantasma. Tem dias em que fico parada na porta, apenas observando a dança vagarosa das partículas de poeira contra a luz do sol. E às vezes passo semanas inteiras sem pôr os pés no quarto andar, que aos poucos vai se desmanchando na memória, feito a sensação da chuva na pele da gente.

Bem, amanhã falo com eles outra vez. Quanto ao pessoal do outro lado do parque, por enquanto nenhum sinal.

QUARTA-FEIRA,
27 de outubro

QUATRO

UM ADOLESCENTE MUITO ALTO ESCANCARA a porta do número 207 e irrompe na rua feito um cavalo na pista de corrida, galopando na direção leste até passar pelas minhas janelas. Não cheguei a vê-lo direito: acordei muito cedo após passar a madrugada assistindo a *Fuga do passado* e ainda estou tentando decidir se um gole de Merlot é uma boa ideia. Vejo apenas um borrão de cabelos louros e uma mochila pendurada no ombro. E lá se foi o garoto.

Bebo uma taça, então subo para o escritório, sento à mesa e pego minha Nikon.

Na cozinha do 207 posso identificar a figura grande do pai, apenas uma silhueta escura contra a luz de uma televisão ligada. Fechando o zoom da câmera, vejo que ele está assistindo ao *Today Show*. De repente cogito a possibilidade de descer e assistir à mesma coisa na minha própria televisão. Ou continuar assistindo na televisão do homem, através da minha lente.

É isso que decido fazer.

FAZ TEMPO DESDE A ÚLTIMA VEZ QUE APRECIEI a fachada da casa, mas o Google fornece uma boa visão aérea: estilo ligeiramente Beaux-Arts, tijolos caiados, um pequeno mirante no telhado. Claro, de onde estou posso ver apenas a face leste do imóvel: janelas amplas dão uma visão nítida da cozinha, da sala do segundo andar e do quarto acima dela.

O caminhão de mudança chegou ontem com um batalhão de carregadores para levar para dentro da casa sofás, eletrodomésticos e um armário antigo, sempre sob a orientação do marido. Depois daquela primeira noite não vi mais a mulher. Fico imaginando como ela é.

AGORA À TARDE, ESTOU PRESTES A DAR UM XEQUE-MATE no meu oponente virtual, Rook&Roll, quando ouço a campainha tocar. Desço correndo e, ao abrir a porta, deparo com meu inquilino, parado ali com aquele seu jeito... curto e grosso. Ele é *realmente* um homem bonito: rosto anguloso, olhos escuros e profundos. Um Gregory Peck depois de uma noite de farra. (Não sou só eu quem acha isso. David recebe várias amigas em casa, como já tive a oportunidade de observar. Ou melhor, de ouvir.)

– Vou para o Brooklyn hoje à noite – informa ele.

Passo a mão pelo cabelo e digo:

– Ok.

– Precisa de mim para alguma coisa antes que eu vá?

Parece uma frase de duplo sentido, algo tirado de um filme *noir*. Como Lauren Bacall em *Uma aventura na Martinica*: “Basta juntar os lábios e soprar.”

– Não, não preciso de nada, obrigada.

Ele corre os olhos pelo interior da casa.

– Nenhuma lâmpada para trocar? Está escuro aqui.

– Gosto do escuro – explico. “Casas escuras, homens obscuros”, penso em acrescentar, mas não digo nada. Acho que já ouvi algo semelhante em *Apertem os cintos... o piloto sumiu!* Fico pensando no que dizer em seguida. Vá pela sombra? Divirta-se? Não esqueça de usar camisinha? – Divirta-se.

Ele me dá as costas e vai saindo.

– Você sabe que pode entrar direto pela porta do porão, não sabe? – pergunto, com uma pitada de humor. – É bem provável que eu esteja em casa.

Torço para que ele sorria. Faz dois meses que está aqui e nunca o vi sorrindo.

Ele assente com a cabeça e vai embora.

Fecho a porta.

FAÇO UM EXAME GERAL NA FRENTE DO ESPELHO. Rugas ao redor dos olhos. Aqui e ali, mechas brancas no castanho dos cabelos soltos sobre os ombros. Depilação vencida nas axilas. Barriguinha flácida. Celulite nas

coxas. Pele de uma brancura quase lúgubre, veias roxas colorindo pernas e braços.

Rugas, cabelos brancos, depilação vencida, celulite. Preciso dar um jeito nisso. Já fui uma mulher atraente, embora, segundo alguns, e segundo Ed, de um jeito “caseiro”. “Antes eu via você como uma pessoa meiga”, disse ele certo dia, triste, já próximo ao fim.

Baixo os olhos para os pés. Os dedos são finos e bem desenhados, talvez um dos meus pontos fortes (talvez o único); porém, do jeito que estão agora, as unhas lembram as garras de um pequeno predador. Abro o armário de remédios e, em meio a uma infinidade de frascos empilhados feito totens, encontro um alicate. Finalmente um problema que posso resolver sozinha.

QUINTA-FEIRA,
28 de outubro

CINCO

A ESCRITURA DE VENDA FOI PUBLICADA ONTEM. Meus novos vizinhos são Alistair e Jane Russell; eles pagaram 3,45 milhões de dólares por sua humilde morada. Segundo o Google, ele é sócio de uma empresa de consultoria de porte médio, inicialmente com sede em Boston. Quanto à mulher, impossível levantar no Google alguma coisa a respeito de uma Jane Russell que não seja a atriz.

É um bairro divertido, esse em que viemos morar.

A residência dos Millers do outro lado da rua (“Ó, vós que por aqui entrais, abandonai toda a esperança”) é uma das cinco casas que posso bisbilhotar das minhas janelas que dão para o sul. A leste, ficam outras duas, que são gêmeas idênticas: ambas com o mesmo cinza na fachada, o mesmo verde-garrafa nas portas, as mesmas cornijas retas nas janelas. São as Gray Sisters. Na da direita (talvez um pouquinho mais escura que a outra), moram Henry e Lisa Wasserman, residentes já antigos. “Faz mais de quatro décadas que estamos aqui”, disse a Sra. Wasserman, orgulhosa, quando nos mudamos. Ela havia batido à nossa porta para dizer “pessoalmente” quanto ela “e o meu Henry” lastimavam a chegada de “mais um bando de yuppies” naquela vizinhança que um dia havia sido uma comunidade de verdade.

Ed só faltou espumar de tanta raiva. Olivia batizou seu coelhinho de pelúcia de Yuppie.

Depois disso nenhum dos dois veio nos procurar para dizer o que quer que fosse, nem mesmo agora que o bando de yuppies se resume apenas à minha pessoa. Pelo visto, também não são simpáticos com seus vizinhos de porta, os moradores da outra Gray Sister. Estes, por coincidência, têm Gray como sobrenome. O pai é sócio de um pequeno escritório especializado em fusões e aquisições, a mãe é viciada em clubes de leitura, e o casal tem duas filhas gêmeas adolescentes. Segundo a página do clube da Sra. Gray na internet, o livro que ela escolheu este mês e que, nesse exato momento, na sala de sua casa, está sendo estudado por oito mulheres de meia-idade é *Judas, o obscuro*.

Li o livro também, então fico imaginando que estou lá no grupo com elas, mordiscando uma torta de café (nenhuma à vista), bebericando uma taça de vinho (isso para mim é fácil). “O que você achou do *Judas*, Anna?”, perguntaria Christine Gray, e eu responderia: “Meio obscuro.” Todo mundo acharia graça. Na realidade, todas estão rindo do outro lado da rua. Tento rir com elas. Dou um gole no vinho.

A oeste dos Millers estão os Takedas. O marido é japonês, a esposa é americana e o filho deles é absurdamente lindo. Violoncelista. Nos meses de verão ele estuda com as janelas da sala abertas, do modo como Ed costumava deixar as nossas abertas também. Certa noite, num mês de junho já muito distante, eu e Ed ficamos dançando ao som de uma suíte de Bach, rodopiando na cozinha, minha cabeça no ombro dele, enquanto o garoto tocava do outro lado da rua.

No último verão, sempre que a música do violoncelista vinha me procurar aqui em casa, batendo educadamente na janela e dizendo “Me deixe entrar”, eu não deixava. Não conseguia. Não abri a janela uma única vez. Nunca. Mas podia ouvir o violoncelo suplicar: “Me deixe entrar... Me deixe entrar...”

Ao lado dos Takedas, nos números 206 e 208, fica um prédio de fachada de pedra marrom. São duas casas geminadas e por enquanto sem moradores. Uma empresa privada comprou o imóvel dois novembros atrás, mas ninguém se mudou. Um enigma. A fachada ficou escondida durante quase um ano por andaimes que mais pareciam jardins suspensos; então, de um dia para o outro (alguns meses antes de Ed e Olivia partirem), eles sumiram e, depois disso, nada.

Esse é o meu Império do Sul e esses são os meus súditos. Nenhuma dessas pessoas se tornou minha amiga; a maioria delas eu não encontrei mais do que uma ou duas vezes. Coisas da vida urbana, acho. Talvez o casal

Wasserman tivesse certa razão. Fico me perguntando se eles sabem o que foi feito de mim.

O PRÉDIO DECRÉPITO DE UMA ESCOLA CATÓLICA – a Santa Dymphna, fechada desde que viemos para cá – praticamente se escora em minha casa pelo lado leste. Sempre que Olivia se comportava mal, Ed e eu ameaçávamos mandá-la para essa escola. Pedras corroídas e encardidas na fachada, janelas imundas de fuligem. Ou pelo menos é o que lembro; faz tempo que não passo diante dela.

Do lado oeste fica o parque: bem pequeno, com um caminho estreito de tijolos ligando nossa rua à paralela seguinte. Dois plátanos montam guarda nas extremidades, ambos já avermelhados pelo outono; duas cerquinhas baixas separam a área das ruas. “Um parque singelo”, nas palavras do nosso citado corretor.

E do lado oposto do parque fica o número 207. Os Lords venderam o imóvel há dois meses e partiram imediatamente para a Flórida – foram curtir sua aposentadoria em Vero Beach. No lugar deles entraram Alistair e Jane Russell.

Jane Russell! Minha fisioterapeuta nunca ouviu falar de Jane Russell.

– Os homens preferem as loiras – falei.

– Não na minha experiência – devolveu ela.

Bina é bem jovem, talvez esteja aí a explicação.

Tudo isso foi hoje mais cedo; antes que eu pudesse levar a conversa adiante, ela cruzou uma das minhas pernas por cima da outra, depois virou meu corpo de lado. A dor foi tanta que me deixou sem fôlego.

– Os músculos da sua coxa precisam disso – garantiu ela.

– Carrasca... – resmunguei.

Ela pressionou meu joelho contra o chão. Mais dor.

– Você não está me pagando para fazer carinho.

– Posso pagar para você ir embora?

Bina vem uma vez por semana para me ajudar a odiar a vida, como costume dizer. E para me manter atualizada sobre as suas aventuras sexuais, que são tão excitantes quanto as minhas próprias. Mas com ela o problema é outro. Bina escolhe demais. “Metade dos caras nesses aplicativos posta fotos de cinco anos atrás”, reclamou certo dia, o cabelo caindo sobre o ombro feito as águas de uma cachoeira, “e a outra metade é casada. E a *outra* metade está solteira não é à toa.”

Aí são três metades, mas ninguém é besta de corrigir a matemática de uma pessoa que está torcendo a sua espinha.

No mês passado criei um perfil no Happn “só pra ver como é”, disse a mim mesma. Segundo explicou Bina, o aplicativo coloca você em contato com as pessoas que cruzam o seu caminho. Mas... e se ninguém cruzar o nosso caminho? E se os nossos caminhos ficarem para sempre confinados nos mesmos quatrocentos metros quadrados da nossa casa e nada mais além deles?

Enfim. O primeiro perfil que apareceu na minha tela foi o de David. Deletei minha conta imediatamente.

FAZ QUATRO DIAS QUE VI JANE RUSSELL PELA PRIMEIRA VEZ. Certamente ela não tem as medidas da Jane original, com seus peitões e cinturinha de pilão, mas eu também não tenho. Quanto ao filho, vi apenas aquela vez, ontem de manhã. Mas o marido está sempre à vista (ombros largos, testa marcada, um nariz que mais parece uma lâmina), ora batendo ovos na cozinha, ora lendo na sala, ora espiando dentro do quarto como se estivesse procurando alguém.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

